

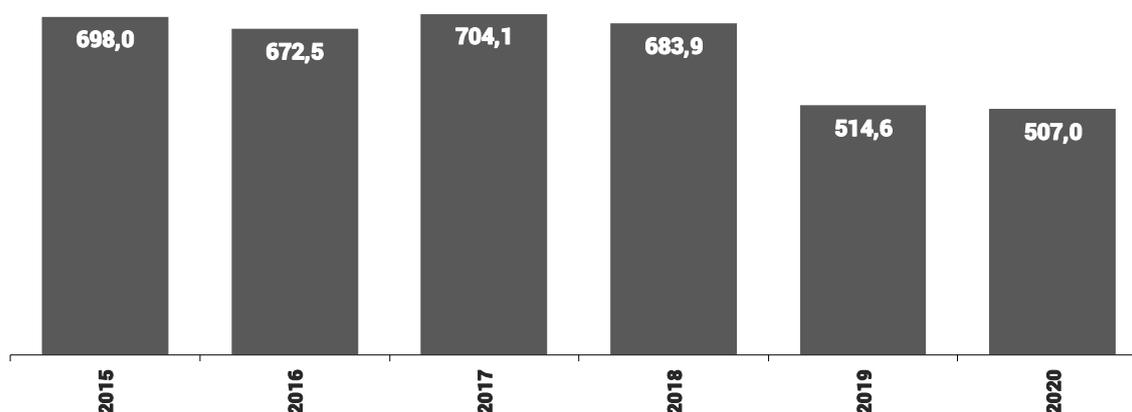
Impactos da Peste Suína Africana na China e reflexos no Brasil

Agosto de 2019

Introdução

A Peste Suína Africana (PSA) é uma doença viral, altamente infecciosa, que atinge suínos. A chance de sobrevivência do animal é quase nula, o que leva ao sacrifício, conforme determina a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) – e não existe vacina. A doença não oferece risco à saúde humana, não é transmitida ao homem. O vírus da Peste Suína Africana é bastante resistente e pode ser transmitido ao animal por meio de alimentos, equipamentos, sapatos e vestuários e no transporte contaminados. Uma das dificuldades em conter a transmissão na China é porque a maior parte dos suínos é criada em propriedades de pequeno porte e familiar. A peste suína africana (ASF) é endêmica em toda a China, mas os altos preços da carne suína incentivarão muitos criadores chineses de suínos a reabastecer ou expandir rebanhos, apesar dos riscos significativos de saúde animal colocados pela ASF.

CHINA: PRODUÇÃO DE SUÍNOS - MILHÕES DE CABEÇAS



Estima-se que o tamanho total do rebanho diminua em 21% em 2019, diminuindo ainda mais 10% em 2020. Enquanto se estima que o consumo da carne suína deverá cair pelo menos 9% em 2019, a demanda sustentada de carne suína impulsionará um aumento expressivo nas importações, acima de 60%. Os estoques e as importações de carne suína provocaram aumentos de preços domésticos no curto prazo. Os efeitos combinados de estoques menores e de um volume incerto de abates até o ano novo chinês em 2020, aumentam a probabilidade de elevações significativas do preço ao consumidor em 2020. A ASF contribuirá também para aumentar a demanda de carne bovina (juntamente com outras proteínas animais) na China.

Apesar da crescente demanda de carne na China, as importações de carne bovina dos EUA permanecem limitadas pela incerteza do mercado, pelas tarifas de retaliação por parte da China e por outros fatores.

Olhando para a frente, diversos fatores influenciarão como e quando o rebanho dos suínos de China se recuperará. Esses fatores-chave incluem:

1. A resposta política do governo chinês
2. O desenvolvimento de uma vacina efetiva contra a ASF
3. Os preços crescentes dos suínos e da carne suína
4. A reestruturação da indústria suína e da produção de suínos
5. A implementação de práticas eficazes de biossegurança
6. A disponibilidade de suprimento global de carne suína
7. A disponibilidade de proteínas animais alternativas

Embora seja irrealista prever como esses fatores afetarão a produção e a demanda em 2020, com base nas informações atuais e na trajetória do mercado, o rebanho de suínos pode começar a se estabilizar em 2020. Entretanto, o tamanho reduzido do rebanho resultará em uma diminuição de mais 8% à produção da carne suína, para 44,2 milhões de toneladas. Os efeitos a longo prazo da situação da ASF na China poderão se estender além de 2020. Devido à forte perda de porcas (matrizes) entre 2018 e 2020, o rebanho de suínos de China poderia levar anos para recuperar os níveis pré-ASF (em termos dos números absolutos e de produtividade). Muitos pequenos e médios produtores poderiam ser substituídos por granjas mais modernas e em grande escala, com uma biossegurança mais forte. Os consumidores chineses também poderão migrar parte do consumo de carne suína fresca para carne suína refrigerada/congelada. Além disso, a carne suína poderá ceder permanentemente uma fatia de mercado para outros proteínas, especialmente em cidades de maior porte.



Saúde animal e o descontrolo da ASF

A queda na oferta de carne suína em 2019 será largamente compensada pelo aumento das importações, lançamentos estratégicos de carne suína congelada no mercado e um declínio na demanda dos consumidores por carne suína. Este balanceamento da oferta e da demanda de carne suína não deve ser confundido com o controle da ASF na China. Quando o rebanho, eventualmente, se estabilizar e começar a se recuperar, isso não implica necessariamente que a ameaça da ASF estará equacionada, mas sim, que a indústria se adaptou à criação de suínos, apesar da ASF. A ausência de mudanças de política significativas por parte do governo chinês ou de desenvolvimento de uma vacina eficaz, podem fazer com que a ASF continue a circular de forma descontrolada em toda a China.

Outros países com surtos de ASF também dispenderam longos períodos para controlar a doença e, em muitos casos, outros não conseguiram erradicar completamente a doença. Curiosamente, fatores afetando a doença (por exemplo, a densidade da população de javalis selvagens) mudaram nas últimas décadas tornando a erradicação em algumas regiões mais difícil. Devido ao tamanho e à densidade maciça do rebanho de suínos de China e à propagação geográfica larga da doença, o risco da saúde animal apresentado por ASF na China é sem precedentes. A persistência generalizada e descontrolada da ASF na China apresenta uma série de preocupações com a saúde animal.

Em primeiro lugar, a ampla circulação do vírus em todo o país levanta a probabilidade de ASF se espalhar para outros países/regiões, pela estreita proximidade geográfica. Desde que a China relatou oficialmente surtos de ASF em agosto de 2018, os vizinhos Mongólia, Vietnã, Hong Kong, Camboja, Laos, e Coreia do Norte também têm surtos relatados. Além disso, vários países (Japão, Coreia do Sul, Filipinas, Austrália, Taiwan, dentre outros) relataram a detecção de vírus ASF em produtos de carne suína trazidos por viajantes em voos aéreos originários da China. Um número de países com grandes explorações comerciais de suínos tem melhorado a sua triagem para ASF e atualizou seus protocolos de controle, incluindo os Estados Unidos.

A subnotificação da ASF tem sido um obstáculo ao controle da doença

Até julho de 2019, a China já havia relatado 144 surtos de ASF à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Embora estes relatórios contenham as informações mínimas exigidas (por exemplo, localização, data, número de animais abatidos etc.), geralmente não incluem informações relevantes de investigações epidemiológicas. Cada surto é relatado como um novo, sem informações de ligação relacionadas aos índices já notificados pelas granjas. Em outras palavras, com base na informação disponível, parece que a China está tratando cada surto como se fosse a primeira aparição de ASF na área particular, mesmo quando os surtos parecem estar dentro de proximidade física e temporal estreita. Em uma conferência em 1º de março de 2019, um porta-voz do governo chinês afirmou que “todos os 111 surtos (o número

de casos relatados à OIE à época) que ocorreram foram prontamente eliminados efetivamente e nenhuma segunda propagação ocorreu.”

Quando o governo chinês avalia a situação da ASF através de anúncios públicos, refere-se a esses surtos oficialmente relatados à OIE como se fossem um indicador do número real do problema no país. Para ilustrar, em uma entrevista coletiva em 1º de julho de 2019, o jornal China Daily se reportou sobre um porta-voz do governo chinês afirmando que “a China registrou 143 surtos de Peste Suína Africana até o dia 30 de junho de 2019, sendo que o número de surtos neste ano foi de 44 – um decréscimo em relação ao segundo semestre do ano passado”, o que significaria progresso no controle e prevenção da doença. Com base em extensas entrevistas com a indústria e apoiadas por dinâmicas de preços (para animais vivos e rações), o número de surtos reais excede o que o governo chinês relatou à OIE, o que não deve ser atualmente tomado como um indicador da gravidade da situação na China. Uma das razões prováveis para esta subnotificação reside no papel dos governos das províncias.

As indústrias relatam que os funcionários locais e provinciais de saúde animal estão cientes dos surtos dentro de suas respectivas jurisdições, mas se recusam a relatar esses surtos para as autoridades de nível superior para evitar a aparência de não controlar a ASF. A indústria também relata que, quando apresentado com evidência surtos de ASF em granjas, os funcionários locais e provinciais pedem, e em alguns casos exigem, que os suinocultores não relatem o surto de ASF devido à falta de fundos locais ou provinciais. Ao invés de pagar ao suinocultor o subsídio por cabeça para abater os seus animais, os funcionários teriam prometido apoio para ajudar os mesmo a reabastecer os seus efetivos. Isto conduz provavelmente à propagação adicional da doença devido à eliminação imprópria de animais afetados. Apesar da diminuição significativa do número de relatos à OIE, os surtos de ASF continuam a aparecer em áreas distantes, criando grande incerteza quanto às condições reais que levam à disseminação da doença. Essa falta de relatos precisos é um dos maiores obstáculos para controlar a doença e implementar contramedidas efetivas.

A falta de informações epidemiológicas dificulta as contramedidas

A falta de relatórios precisos não só prejudica a gravidade da situação da ASF, mas previne investigações epidemiológicas efetivas que são fundamentais para o desenvolvimento de contramedidas que abordam cada situação específica. Uma investigação epidemiológica pode identificar o índice de casos, determinar os fatores de risco para a transmissão e apoiar o desenvolvimento de estratégias de mitigação. Essa falta de informação sobre como a doença continua a se espalhar na China resultou em uma sensação de desamparo de vários suinocultores chineses, alguns dos quais perderam vários rebanhos para a ASF. Enquanto essa incerteza persistir, o reabastecimento em larga escala será restrito.

Um ponto cego potencial em contramedidas existentes de ASF é a possibilidade de que a doença circule através da alimentação comercial contaminada. Milho e outros grãos utilizados na ração são comumente secos em estradas, que também são atravessadas por

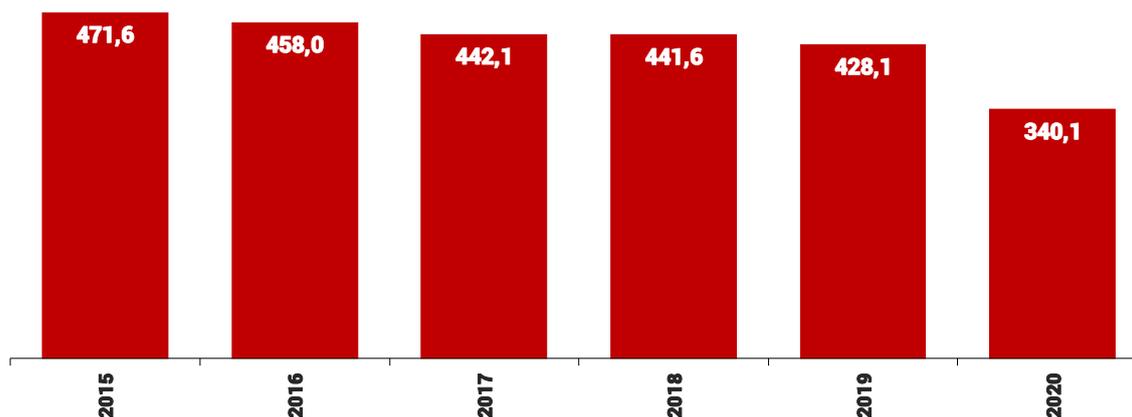
caminhões carregando suínos. Numerosas amostras de ração chinesa foram analisadas, tendo índices de 1% a 2% testadas positivas para a ASF. Devido à falta de informações públicas sobre como a ASF está sendo transmitida através da China, essa lacuna potencial nas contramedidas da ASF, provavelmente, continuará estendendo o tempo necessário para o controle efetivo. Em resumo, a situação de saúde animal é terrível. Sem uma mudança na resposta política do governo chinês, a ASF provavelmente irá persistir de forma descontrolada na China.

Além disso, essa incerteza sobre como ASF está circulando na China impedirá muitos suinocultores em recompor rebanhos, estendendo o processo da recuperação. Pesquisadores têm estudado o vírus da ASF há décadas à procura de uma vacina viável que ofereça proteção contra o vírus, que seja segura, que permita a distinção entre os animais vacinados e naturalmente infectados, e que seja capaz de ser comercialmente distribuída. Desde que a ASF foi relatada pela primeira vez na China, as fontes públicas e confidenciais (dentro e fora de China) dedicaram recursos adicionais para desenvolver uma vacina contra a ASF. Embora existam relatos esporádicos de avanços no desenvolvimento da vacina, especialistas concordam que uma vacina comercial contra o vírus da ASF é provável que leve anos para ser disponibilizada.

Efetivo de suínos deverá recuar 21% na China em 2019

Com base nas informações atuais, estima-se que o estoque total do rebanho de suínos diminua em 21% em 2019, de 428,1 milhões de cabeças, para 340,1 milhões de cabeças – uma perda de 88 milhões de cabeças. Essa nova previsão representa uma revisão para baixo a partir da redução estimada em 13% em fevereiro deste ano, porque a maioria dos surtos de ASF não são relatadas oficialmente, sendo difícil determinar as perdas reais devido à ASF. As perdas estimadas de estoques variam de 10% até 70% em 2019.

CHINA: ESTOQUES DE SUÍNOS - MILHÕES DE CABEÇAS



É difícil quantificar essas perdas porque metade dos suínos da China são produzidos em pequenas granjas e metade da carne suína da China é produzida por matadouros privados. A China não tem um sistema para relatar de forma confiável o número dos suínos ou a produção da carne suína. Uma das razões para isso é que metade do rebanho de suínos da China é atualmente criada em centenas de milhares de pequenas propriedades familiares em todo país. Após ter terminado estes suínos, o produtor tem um número de opções diferentes. Se a fazenda está criando suínos por contrato, os animais são comercializados pelos integradores. Se houver um abatedouro comercial nas proximidades, o suinocultor poderá vender os suínos ao abatedouro. Se a instalação local de abate não estiver comprando suínos, o produtor pode alugar uma baía em uma instalação de abates e pagar a alguém para abater os suínos ou fazê-lo eles mesmos. Se esta opção não estiver disponível, a maioria das aldeias tem um abatedouro privado que pode abater por uma taxa cobrada do criador.

Nos dois últimos casos, a carne suína é geralmente consumida no mercado local como carne quente ou fresca. As indústrias informam que até metade da carne suína produzida na China vem desses matadouros privados. Como resultado deste sistema de produção díspar, é difícil quantificar as perdas totais geradas pela ASF. Apesar dos relatos de perdas muito maiores, várias entrevistas em uma ampla gama de indústrias, combinadas com informações do setor de rações animais, permitem uma medida da redução do rebanho em 2019. Primeiro, a expansão do rebanho começou em 2018 devido a dois anos anteriores de fortes lucros. Os efeitos dessa expansão ocorrida em 2019 ocorreram especialmente entre as operações de grande porte. Durante o primeiro semestre de 2018, a indústria suína parecia direcionada para o excesso de capacidade, levando os preços do suíno vivo para baixo. Embora a ASF tenha começado a ser divulgada em agosto de 2018, o crescimento foi transferido para 2019, resultando no aumento da produtividade das granjas de suínos que permaneceram saudáveis, ajudando a compensar algumas perdas devido à ASF.

Em segundo lugar, as reduções drásticas no inventário de suínos não são suportadas pela análise da demanda de ração. As reduções de consumo de grãos para rações (milho e farelo de soja) devido à ASF foram moderadas. Embora essas reduções tenham sido parcialmente compensadas pelo aumento da demanda de grãos de ração nas crescentes áreas de aves e aquicultura, as reduções não suportam relatos de perdas de 50% no rebanho. Na temporada 2018/2019, o consumo de milho para ração e uso residual caiu 8% em todo o país, principalmente devido à ASF. Da mesma forma, para o farelo de soja, a temporada 2018/2019 apresentou apenas uma redução de 5% no consumo total deste derivado de soja. Os preços do milho e da soja se mantiveram relativamente firmes durante os primeiros seis meses de 2019, sustentando a demanda sustentada por rações para suínos.

Em terceiro lugar, prevendo aumentos contínuos nos preços do suíno vivo em 2019, muitos suinocultores estão tentando retardar o abate de seus suínos e estão aumentando o número de animais com pesos maiores. A estimativa é de um aumento médio de 10% nos pesos de abate em todo o país. Como resultado desse aumento nos pesos de abate, combinado com

a fraca demanda, relativamente menos suínos precisarão ser abatidos em 2019, compensando levemente a queda no estoque devido a doenças e abate. Em quarto lugar, devido pânico, às restrições de movimentação relacionadas à quarentena e ao enfraquecimento da demanda do consumidor por carne suína, uma reserva de carne suína congelada maior que a média foi construída em instalações de armazenamento refrigerado em toda a China. As estimativas do setor colocam esses estoques atualmente entre 3 milhões de toneladas e 5 milhões de toneladas. Como esses estoques congelados estão disponíveis para serem lançados no mercado, menos suínos precisarão ser abatidos em 2019. Por último, as tentativas de repovoamento de granjas avançam. Enquanto a maioria dos produtores de médio e grande porte estão tomando uma abordagem de espera para repor estoques, um número substancial de pequenos suinocultores já começou a tentar reabastecer os plantéis, na esperança de lucrar com o aumento dos preços dos suínos.

CARNE SUÍNA E SUÍNOS: OFERTA E DEMANDA NA CHINA							
Toneladas (Carne Suína) e Mil Cabeças (Suínos)							
	2018	2019		2020	Varição (%)	Varição (%)	Varição (%)
		Estimativa inicial	Estimativa atual	Projeções	2019/2018	2020/2019	2020/2018
SUÍNOS							
Estoques de suínos	441.589	440.000	428.070	340.070	-3%	-21%	-23%
Porcas reprodutoras	43.610	44.500	37.000	26.000	-15%	-30%	-40%
Produção de suínos	683.862	720.000	514.550	507.000	-25%	-1%	-26%
Abates de suínos	693.820	680.000	600.000	538.510	-14%	-10%	-22%
CARNE SUÍNA							
Estoques iniciais	0	0	0	0			
Produção	54.040	53.070	48.000	44.200	-11%	-8%	-18%
Importações	1.561	1.500	2.500	3.500	60%	40%	124%
Suprimento total	55.601	54.570	50.500	47.700	-9%	-6%	-14%
Exportações	203	170	150	150	-26%	0%	-26%
Demanda	55.398	54.400	50.350	47.550	-9%	-6%	-14%
Estoques finais	0	0	0	0			

Este é um empreendimento arriscado, já que a ASF ainda está descontrolada e os surtos continuam a ocorrer, mesmo em províncias que não relataram ASF por muitos meses. No entanto, a indústria atualmente relata um lucro de US\$ 30 a US\$ 60 por cabeça e muitos pequenos suinocultores não querem perder essa oportunidade. Os preços dos suínos vivos devem continuar a subir nesta segunda metade de 2019, com lucros da cabeça que podem atingir entre US\$ 120 a US\$ 150. Devido à escassez (e aos preços elevados) de porcas (matrizes reprodutoras) e ao risco da introdução de novos animais em uma operação, muitos suinocultores estão usando suas próprias marrãs (porcas novas desmamadas) para a recolocação, em vez de comprá-las. Embora a compra de marrãs de reposição seja geralmente um sistema mais fácil de gerenciar, maximiza a produção e fornece melhoria genética contínua. A reserva de marrãs tornou-se cada vez mais popular entre os suinocultores chineses. Embora a maioria das pequenas propriedades não tenha a escala e o conhecimento técnicos necessários para criar corretamente suas próprias matrizes para criação, esse método permite que os agricultores aumentem rapidamente a produção a curto prazo e limitem o contato com animais de fora.

Mudanças estruturais na indústria suína da China

A indústria suína chinesa é altamente fragmentada, com centenas de milhares de pequenas granjas respondendo por metade do rebanho total de suínos. Antes que a ASF fosse reportada, a indústria suína já passava por uma consolidação e modernização. Devido às regulamentações ambientais cada vez mais rígidas, as operações de suínos estavam sendo removidas dos centros populacionais em direção ao oeste e nordeste (Corn Belt da China). Muitas granjas menores não tinham recursos para se realocar e saíram do mercado, resultando na consolidação do setor. A alimentação com sobras (restos) alimentares de mesa era uma prática tradicional entre os suinocultores chineses. Em um relatório preliminar do governo chinês, a alimentação com restos alimentares foi identificada como uma das principais causas de surtos de ASF. Desde então, o governo reforçou suas regulamentações sobre a alimentação deste tipo e quase todas as indústrias observaram que a alimentação de sobras (restos) diminuiu drasticamente. Essa importante medida de biossegurança parece ter sido rapidamente adotada pela maioria dos suinocultores chineses.

A indústria também relatou outras melhorias observáveis nas práticas de biossegurança. Restringir o acesso de visitantes a granjas de suínos tem sido amplamente divulgado em todas as partes da China. Exigir que os trabalhadores rurais permaneçam na granja por longos períodos também se tornou uma prática comum. Curiosamente, algumas granjas estão oferecendo bônus com base em quanto tempo os trabalhadores ficam na propriedade: salário normal por um mês, salário e meio por dois meses, salário duplo por três meses. Outro exemplo é o uso generalizado de pulverizadores portáteis, com desinfetantes. Em pequenas estações de inspeção de saúde animal estabelecidas no campo, observou-se que o desinfetante em animais foi consistentemente aplicado antes de receber documentos oficiais de transporte. Embora a aplicação real do desinfetante tenha sido superficial, evidencia que as autoridades locais trabalham com as indústrias, tentando implementar medidas de controle. A maioria dos novos matadouros tem laboratórios no local para fazer testes internos para ASF e outras doenças animais.

Enquanto a indústria relata que muitos desses laboratórios não possuem pessoal qualificado, ou apenas executam os testes durante uma inspeção pré-planejada, a infraestrutura para esta capacidade de monitoramento e detecção está sendo desenvolvida. Uma medida final de biossegurança adotada pelas pequenas granjas foi migrar para as montanhas. Enquanto a maioria da população da China reside em deltas de rios, 70% da China é ocupada por terrenos montanhosos. Vários pequenos suinocultores relataram que seu plano de reabastecimento é simplesmente se retirar para as montanhas e criar suínos lá. Embora possa haver consequências a longo prazo para este tipo de movimento, permite que os pequenos suinocultores se reabasteçam rapidamente e criem suínos com investimento de capital mínimo, no curto prazo. A indústria informa que há treinamentos frequentes para melhorar a biossegurança. A maioria desses treinamentos é organizada por empresas ou associações locais de suinocultores.

Os palestrantes são geralmente de países que já tiveram experiência com o controle de ASF. Esses palestrantes não veem os representantes do governo local ou nacional como autoridades em medidas de controle técnico, afirmando que as informações divulgadas pelo governo são muito genéricas ou inviáveis. Além da biossegurança, outras medidas de controle que foram implementadas em algum grau incluem testes de lotes em matadouros, restrições ao abate de suínos vivos em mercados de carne fresca, certificação de requisitos de saúde para transporte e testes de carne suína congelada. Em uma cadeia de hipermercados, a política de armazenamento é realizada por certificados de saúde para lotes individuais de carne suína, para ser claramente exibido acima da mercadoria. Em resumo, houve melhorias demonstráveis em biossegurança e outras medidas de controle em locais distintos em toda a China. Embora essas melhorias permitam que algumas granjas continuem a operar neste ambiente, existem deficiências significativas e generalizadas que devem ser enfrentadas para que o ASF fique sob controle.

Médias e grandes granjas devem ganhar espaços na China

Muitas pequenas fazendas podem estar dispostas a arriscar-se a operar em um ambiente de ASF com melhorias rudimentares de biossegurança. No entanto, a maioria das instalações de médio e grande porte está adotando uma abordagem mais conservadora de “esperar para ver”. As operações de médio e grande porte devem lidar com o ambiente existente, em vez de recuar para as montanhas, e devem desenvolver o conhecimento e fazer investimentos de capital necessários para gerenciar adequadamente o maior risco de ASF. Em 28 de maio de 2019, o governo chinês anunciou um programa de garantia agrícola para subsidiar pagamentos de juros em empréstimos de curto prazo para grandes suinocultores (>5000 cabeças) e operações de criação com o objetivo de estabilizar efetivamente a produção de suínos. Algumas grandes instalações já estão tentando expandir suas operações. Os novos projetos nas províncias de Guangxi, Hebei e Shaanxi contam com instalações modernas e com os melhores protocolos de biossegurança da categoria.

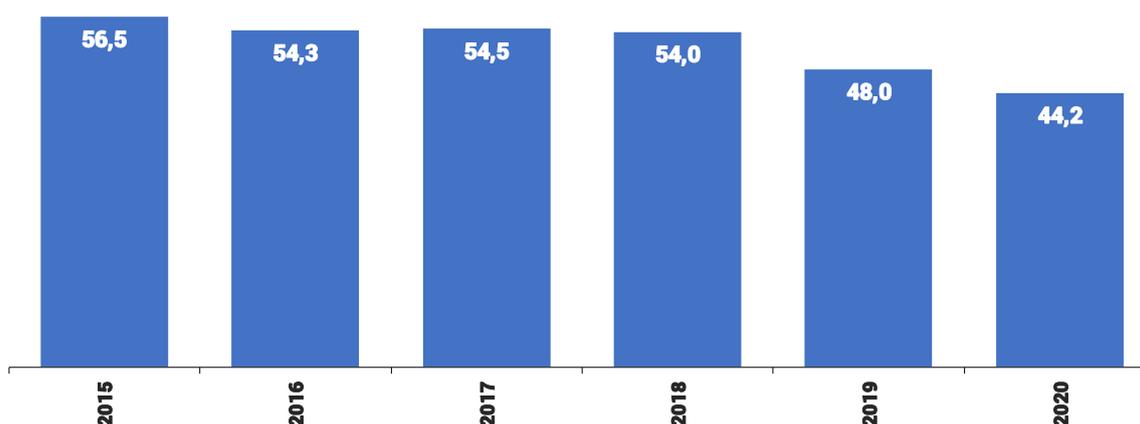
Diminuição do número de suínos e abates em 2019 devido à ASF

A redução do rebanho de porcas (matrizes) e as perdas em curso devido a ASF em 2019 deverá reduzir a produção de suínos em 25% no ano, para 515 milhões de cabeças. Em 2019, a China abaterá 600 milhões de suínos, um decréscimo de 93,8 milhões de suínos ou 14% em relação ao ano passado, quando foram abatidos 693,8 milhões de cabeças. À medida que os agricultores suspendem o abate de seus suínos para se capitalizar com o aumento dos preços, o peso médio de abate aumentará, compensando ligeiramente as perdas na produção de carne suína. Em resumo, com base nas condições atuais, a produção de suínos diminuirá significativamente em 2019. Embora seja irrealista determinar quais serão os efeitos reais da ASF em 2019, com base nas circunstâncias atuais, estima-se que o rebanho total de suínos diminua em 21% em 2019. Embora os relatórios locais possam notar perdas muito maiores, o

estoque médio nacional foi reforçado por algum reabastecimento precoce de pequenas e grandes fazendas.

No entanto, a maioria dos agricultores adotará uma estratégia de “esperar para ver”, já que ou esperam que os preços aumentem ou implementem protocolos mais fortes de biossegurança. A produção de carne suína em 2019 é estimada em 48,0 milhões de toneladas, uma redução de 11% em relação a 2018, devendo recuar mais 8% em 2020, para 44,2 milhões de toneladas. À medida que os agricultores aguardam o aumento dos preços para suínos vivos, eles retardam os abates, resultando em pesos de carcaça mais pesados. Este aumento de peso compensa parcialmente a redução do número de suínos abatidos. Além disso, grandes estoques de carne suína congelada se acumularam, ajudando a compensar uma queda nas taxas de abate no final deste ano. As estimativas da indústria estão entre 3 milhões de toneladas a 5 milhões de toneladas de carne suína congelada, atualmente armazenadas em câmaras frigoríficas na China, podendo ser liberadas no mercado para amenizar o aumento dos preços. As importações foram fracas durante o primeiro semestre deste ano, mas deverão se recuperar ao longo deste segundo semestre de 2019.

CHINA: PRODUÇÃO DE CARNE SUÍNA - MILHÕES DE TONELADAS

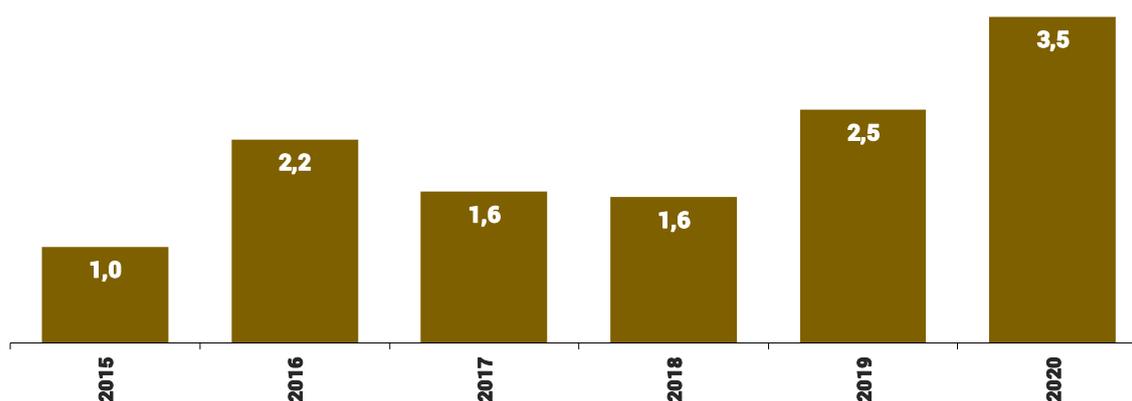


Desde os surtos da ASF, as expectativas eram de que as importações de carne suína de 2019 aumentariam drasticamente devido à escassez de suprimentos domésticos e preços mais altos. As encomendas de importações de carne suína se recuperaram rapidamente em março de 2019, correspondendo a um forte salto nos preços domésticos de suínos vivos. No entanto, nos primeiros quatro meses de 2019, a China importou apenas 471 mil toneladas de carne suína, um modesto aumento de 8% em relação ao mesmo período do ano passado. A demanda antecipada de importação provavelmente não se concretizou porque, nos primeiros três meses de 2019, o preço da carne suína permaneceu relativamente estável, embora a temporada de pico de consumo esteja próxima do Ano Novo Chinês, em janeiro. Os preços ficaram estáveis, porque a demanda de carne suína caiu em paralelo (ou mais rápido) do que a oferta de carne

suína, levando a um novo acúmulo de produto armazenado. Em segundo lugar, algumas das importações da China foram adquiridas nos Estados Unidos e estão sujeitas a tarifas adicionais.

Como os Estados Unidos e a China seguem ativamente em discussões comerciais, os traders fizeram pedidos, antecipando-se a um possível acordo comercial e a remoção das tarifas adicionais. Esse acordo comercial ainda não se concretizou e os importadores estão pagando para armazenar a carne suína ou os direitos de importação adicionais. Para as importações fora dos Estados Unidos, alguns traders pagaram preços mais altos no exterior, esperando que o preço interno aumentasse. Quando esse aumento não se concretizou, muitos comerciantes deixaram seus produtos em depósitos alfandegados, em vez de declará-los para importação. Como resultado, há uma grande quantidade de carne suína congelada importada em depósitos alfandegados nos portos da China. Alguns armazéns estão atualmente se recusando a aceitar novas remessas porque estão com capacidade esgotada. À medida que os estoques se estreitam e os preços aumentam, os importadores começarão a liberar essas cargas e os embarques aparecerão nos dados de importação. Espera-se que as novas encomendas também comecem a aumentar durante esse segundo semestre de 2019.

CHINA: IMPORTAÇÕES DE CARNE SUÍNA - MILHÕES DE TONELADAS



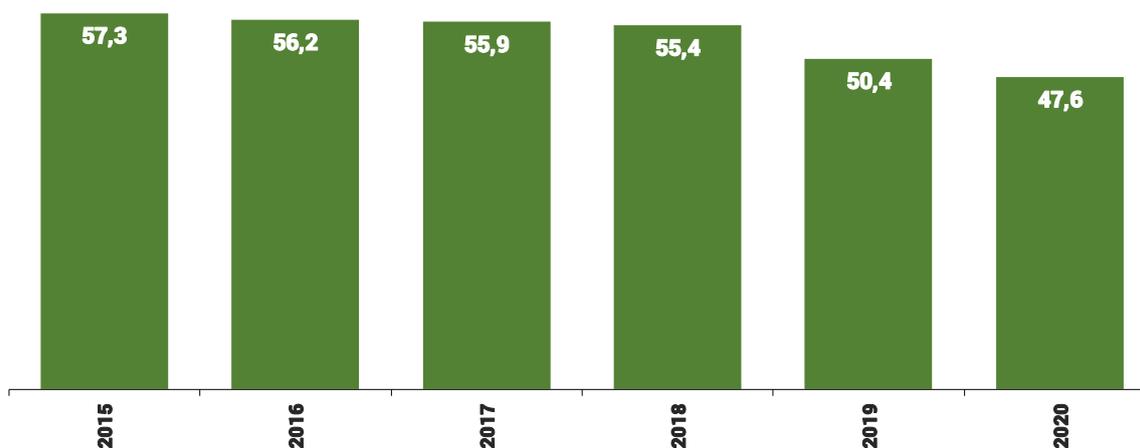
Antecipando o aperto de oferta que é verificado durante o feriado do Ano Novo chinês, os importadores terão que fazer pedidos em agosto e setembro para entregas em novembro e dezembro. Devido à redução geral da oferta de carne suína na China, as encomendas de cortes importados provavelmente aumentarão. Os cortes têm sido tradicionalmente uma parcela menor das importações totais de carne suína, devido às altas margens registradas por carnes e miúdos variados. Os importadores já relatam expandir o escopo dos produtos que estão comprando para compensar a redução do fornecimento doméstico. Apesar do início lento do ano, as importações devem subir neste segundo semestre de 2019 para o total anual de 2,5 milhões de toneladas, representando um aumento de 60% em relação ao ano anterior. Espera-

se que parte dessas importações seja despachada nos últimos três meses de 2019. No primeiro semestre deste ano, fortes ganhos de importações foram verificados da Espanha (17%), Canadá (alta de 30%) e Brasil (alta de 18%). A Alemanha, tradicionalmente a maior fornecedora do país, teve queda de 6% em relação ao mesmo período do ano passado.

Declínio do consumo de carne suína na China e avanço de outras proteínas

O consumo per capita de carne suína na China está entre os mais altos do mundo. Há vários anos, o consumo de carne suína tem diminuído gradualmente à medida que a renda aumenta e os consumidores procuram diversificar suas dietas com outras proteínas, incluindo carne bovina, carne ovina e frutos do mar. Além disso, para os consumidores chineses mais jovens, o frango é visto como uma opção mais saudável. Com um número crescente de restaurantes de fast food no estilo ocidental na China, o consumo de frango e carne bovina teve aumentos constantes, em detrimento da carne suína. O consumo de carne suína caiu 5% entre 2013 e 2017. O consumo de carne suína varia de região para região, com base na disponibilidade de outras proteínas e na culinária regional. Por exemplo, o consumo médio de carne suína per capita é muito maior e inelástico em Sichuan, quando comparado a Pequim. Em 2019, o consumo de carne suína deverá cair 9%, principalmente devido a preocupações com a segurança alimentar.

CHINA: CONSUMO DE CARNE SUÍNA - MILHÕES DE TONELADAS



Apesar dos anúncios públicos regulares sobre o fato de que a ASF não seja um perigo para os humanos, muitos consumidores chineses evitam produtos de carne suína. Durante os primeiros meses de surtos de ASF em 2018, houve vários relatos de lanchonetes institucionais retirando carne suína de seus cardápios. Esses tipos de relatos são menos frequentes em 2019, mas a segurança alimentar ainda é a principal razão pela qual os consumidores relatam não escolher carne suína. Com o início da ASF, a China planeja reestruturar a forma como a carne suína é produzida e consumida na China. Tradicionalmente, os consumidores chineses

preferem a carne fresca, de animais recentemente abatidos. Este sistema requer o transporte de suínos vivos perto das cidades para abates, aumentando o risco de propagação de doenças de animais a longas distâncias. O abate de suínos mais próximo das áreas de produção e o transporte de carne suína congelada poderiam ajudar a melhorar o controle de doenças. No entanto, essa mudança exige que os consumidores chineses mudem seus hábitos alimentares.

De fato, a cidade de Pequim já fez a mudança para a carne suína refrigerada há vários anos, durante um surto de gripe aviária. Agora, os suínos são abatidos longe da cidade e as carcaças refrigeradas são trazidas ao mercado todos os dias. Devido à ASF, a demanda por outras proteínas animais aumentou, elevando os preços. Aves e ovos têm visto os maiores aumentos de preços, já que são facilmente substituídos por carne suína. A demanda por aves levou os preços a níveis recordes e as indústrias afirmam que muitos produtores de suínos passaram a produzir frangos ou patos. Carne bovina e carne ovina também experimentaram aumento da demanda, mas em menor grau devido ao diferencial de preços. Dado o crescimento do PIB da China acima de 6% e o aumento da renda familiar, espera-se que a demanda dos consumidores por proteína animal permaneça estável. Em 2019, a produção de carne suína encolherá, criando uma lacuna de oferta de proteína de 6 milhões de toneladas. A carne de aves e outras proteínas animais compõem o déficit de proteína criado pelo declínio da produção de carne suína. Em conclusão, enquanto as perdas de produção de ASF afetam grandemente o inventário do rebanho em 2019, a interrupção do fornecimento de proteína animal será mínima, sob as circunstâncias atuais. A queda de 6 milhões de toneladas na produção de suínos será mitigada pela mudança na demanda do consumidor para outras proteínas, aumento das importações e outros fatores.

Projeções de oferta e demanda de suínos e carne suína em 2020

Dada a situação atual, o estoque de suínos deverá continuar caindo em 2020, mas a um ritmo mais lento, encerrando o ano com uma queda adicional de 10% (em comparação com uma queda de 21% em 2019). A estimativa é de que os suinocultores em toda a China já tenham começado a reabastecer os rebanhos, para aproveitar os altos lucros. O cálculo do lucro versus risco incentivará ainda mais alguns produtores a começar a expandir seus rebanhos em 2020. Na questão do lucro, espera-se que os preços do suíno vivo continuem aumentando até 2020. No lado do risco, a ASF provavelmente continuará circulando de forma não controlada e os suinocultores tentarão mitigar o risco de surtos de ASF através da adoção de medidas adicionais de biossegurança. Um claro entendimento dos vetores da ASF (por meio de investigações epidemiológicas), educação industrial específica por regiões, subsídios governamentais para apoiar o investimento em biossegurança e regulamentações governamentais de apoio poderiam ajudar a reduzir o risco de ASF.

À medida que o lucro por cabeça de suíno aumenta e a indústria entende melhor como gerenciar os riscos, os suinocultores aumentarão gradualmente a produção. Entre 1º de janeiro de 2019 até 31 de dezembro de 2019, estima-se que o número de porcas caia 32% devido a perdas e abate de doenças de animais. A partir de 26 milhões de cabeças em 2020, o número

de porcas pode crescer à medida que as tentativas de reabastecimento começam a se efetivar. Os suinocultores continuarão a reservar as marrãs e incorporá-las em seus estoques de reprodução. No final de 2020, estima-se que o rebanho de porcas tenha se estabilizado. No entanto, esse resultado dependerá muito de muitos fatores que devem ser abordados de forma eficaz para controlar o risco de ASF. As importações de porcas reprodutoras provavelmente aumentarão em 2020. À medida que o número de grandes granjas continuar a aumentar, a demanda por genética importada de alta qualidade crescerá.

Embora a demanda por genética importada seja alta, a realização do comércio pode ser gradual devido a preocupações sobre a disseminação da ASF fora da China. A indústria relata que a participação em eventos de criação de animais na China caiu consideravelmente em 2019. Além disso, o número de compradores chineses indo para o exterior para se encontrar com potenciais vendedores também caiu. Estima-se que as importações de carne suína aumentem para 3,5 milhões de toneladas em 2020, uma vez que os suprimentos domésticos não conseguem atender à demanda. Este será o segundo ano de crescimento anual de mais de 40%. Embora a reconstrução do rebanho possa ocorrer ao longo de 2020, a suinocultura em geral e os suínos disponíveis para abate continuarão a ser limitados. Os tipos de carne suína importada em 2020 incluirão uma proporção maior de cortes do que antes, por várias razões. Primeiro, os cortes de suínos importados geralmente não são tão competitivos quanto os cortes domésticos, porque os consumidores chineses geralmente preferem carne fresca a refrigerada/congelada.

Como as ofertas domésticas são limitadas e há mais carne suína congelada sendo oferecida para venda, as importações serão mais competitivas. Em segundo lugar, a carne suína importada provavelmente será vista pelos consumidores chineses como mais segura, devido às notícias constantes da ASF sobre o produto interno. A demanda do consumidor chinês por carne suína deve continuar caindo em 2020. Devido a preocupações com a segurança alimentar e altos preços, o consumo de carne suína está previsto para cair para 47,5 milhões de toneladas em 2020, representando uma queda de 6% sobre 2019. Enquanto alguns consumidores voltarão para a carne suína à medida que os preços se estabilizarem, é possível que a participação de mercado total da carne suína nunca retorne aos níveis pré-ASF.

Brasil: os impactos da PSA sobre as exportações de carnes

As exportações brasileiras de carne suína cresceram 4,7% em julho/2019 em relação ao mesmo mês do ano anterior, atingindo 59,9 mil toneladas, contra 57,1 mil toneladas embarcadas em julho/2018. No acumulado deste ano, entre janeiro e julho, as vendas externas de carne suína in natura somam 359,7 mil toneladas, 22,2% acima das 294,2 mil toneladas embarcadas no mesmo período de 2018, devendo se manter esse ritmo aquecido nos próximos meses. Os preços do suíno vivo registram uma expressiva elevação de 33,7% em 2019 e de 38,0% nos últimos 12 meses. No caso do frango, no acumulado deste ano, entre janeiro e julho, as vendas externas somam 2,482 milhões de toneladas, 18,6% acima das 2,092 milhões de

toneladas embarcadas no mesmo período de 2018. As cotações do frango vivo acumulam uma expressiva elevação de 18,3% em 2019.

Para a carne bovina, no acumulado do ano, entre janeiro e julho, as vendas externas totais (in natura + processada) atingiram 990 mil toneladas, 22% acima do volume embarcado no mesmo período do ano passado. O aumento das exportações de carne de frango e suína nos sete primeiros meses de 2019 representa apenas o começo do impacto da PSA no mercado global de proteína animal. A China é o principal driver, mas esse processo é em toda a Ásia e pode causar crise de alimentação. Nos próximos meses, quando a temperatura na China começar a ficar mais fria e o consumo local aumentar, o efeito nos preços deve ser mais forte, até porque haverá menos reposição de suínos, já que o país vem fazendo abates sanitários adiantados. Quanto a habilitações de novas plantas para a China, isso depende do governo chinês, mas o Brasil está preparado para ampliar o número de unidades para exportar.

Mas é a China que decide quando irá habilitar. Possivelmente, as habilitações estejam demorando mais do que se esperava porque a China não quer demonstrar vulnerabilidade. Se várias plantas forem habilitadas repentinamente, é possível que o preço aumente. Então, os chineses estão demonstrando segurança. De qualquer modo, há formas de aumento de exportação para a China sem que novas plantas sejam, necessariamente, habilitadas. As unidades brasileiras que já têm exportação para lá podem direcionar toda a sua produção para o gigante asiático. A China deverá habilitar mais frigoríficos brasileiros, diante da demanda criada pelo surto de PSA que atinge o país, o que deve tornar esse destino ainda mais importante para o setor, que já é o principal destino das exportações brasileiras de carnes.

CARNES: EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ENTRE JANEIRO-AGOSTO/2019 SOBRE O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR

PROTEÍNA	TODOS OS DESTINOS	CHINA
	+22%	+11%
	+6%	+21%
	+20%	+31%

Carlos Cogo

Consultor em Agronegócios

COGO INTELIGÊNCIA EM AGRONEGÓCIO